

# AMOR, NÃO MONOGAMIA E ANGÚSTIA DA FALTA

*Natália Vitória Coelho de Almeida<sup>4</sup>*

Acredito ser possível dizer que há em nós, seres humanos, uma invariável necessidade de nos vincularmos ao outro. E dentre as tantas possibilidades de vínculos sociais que podemos estabelecer, o relacionamento romântico parece ser, atualmente, um dos mais desejados e valorizados. Mas o que precede essa valorização? Quais os efeitos disso para a nossa subjetividade? E como o amor se tece nesse entrelaço?

Recentemente, por meio de uma enquete despretensiosa em uma rede social, questionei a pessoas próximas a que palavras o termo “relacionamento romântico” lhes remete e apareceram algumas como: amor, carinho, cumplicidade, demonstração, fidelidade, paixão. São associações tão fluidas e repletas de certezas que faz parecer que esse tipo de relacionamento sempre esteve aí e exatamente da forma como hoje o entendemos. E não é sem motivo. Historicamente, durante séculos, o amor — seu principal atributo — tem sido um tema amplamente difundido: desde os diálogos de Platão (escritos nos tempos antes de Cristo) até as músicas e os filmes da atualidade.

---

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia na Universidade Federal da Bahia (Ufba), integrante do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI), Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e Bacharela em Humanidades com habilitação em Estudos da Subjetividade e do Comportamento Humano pela Ufba.

Em “O Banquete”, Platão (2010) nos conta sobre o amor, através do discurso de Aristófanes, que na humanidade havia três gêneros, cada um composto por uma díade: um par feminino, um masculino e um andrógino (metade feminino, metade masculino). Cada par era autossuficiente, no entanto, ao desafiar os deuses, suscitaram a ira de Zeus que, em repreenda, os sentenciou a serem seccionados pelo umbigo para cada um virar dois. Dessa forma, cada uma das partes estaria para sempre incompleta e em busca de religar-se à sua metade. O desejo de restaurar aquele estado primeiro de completude seria, portanto, o que nos moveria dali em diante. Daí surge, então, a ideia do amor como aquilo que ocorre entre dois ou duas e que apenas se dá com o encontro desses complementares.

Mas, se por um lado Platão assim o desenha em seu tratado filosófico, Lacan, em “O Seminário, livro 10: a angústia” (1962–63/2005, p.198), nos diz que, em verdade, ele nada mais é que “a sublimação<sup>5</sup> do desejo” e complementa: “O amor é um fato cultural. [...] nem se cogitaria falar de amor se não houvesse a cultura.”. Ao contar a história do amor no Ocidente, Rougemont (1988) ratifica a ideia de Lacan, mostrando que nem sempre este afeto fez parte dos acordos conjugais. Em sociedades ocidentais e ocidentalizadas, os casamentos davam-se, a rigor, por conveniência até o século XII e somente após é que o consentimento dos noivos passa a ser considerado e o ato toma forma de um sacramento cristão.

É também neste período que, em meio a uma sociedade feudal, o amor cortês aparece: trata-se, porém, de um sentimento

---

5 Sublimação: conceito elaborado por Sigmund Freud em sua teoria psicanalítica que se configura como um mecanismo de defesa do ego para transformar desejos socialmente inaceitáveis em expressões ou comportamentos aceitos.

elevado ao plano do etéreo, do ideal, da ordem de um desejo que jamais poderia ser satisfeito. Apenas na modernidade é que ele passa a ter maior valor, tornando-se “romântico” e o ideal de casamento começa a se estabelecer com base nele. Ainda assim, até nos séculos XIX e XX viam-se casamentos arranjados entre as famílias, nos quais o elo amoroso não existia como elemento prévio e, talvez, nunca fosse existir. Apesar de alguns autores localizarem sua origem por volta do século XVIII (ROUGEMONT, 1988; GIDDENS, 1993), não há um consenso sobre isso.

O que há de fato é que o amor romântico nem sempre existiu. Não obstante, é certo que, mesmo após aproximadamente três séculos de existência, a sua essência permanece a mesma. Araújo (2002) e Giddens (1993) dizem-no um afeto que, via de regra, é heterossexual e monogâmico, fundado em identificações projetivas, com o poder de instaurar o desejo por um ideal de completude. Esse tipo de amor aposta num caráter fusional em que dois ou duas tornam-se um, como criticam Badiou e Truong (2013). E é na direção deste afeto que, atualmente, o mundo contemporâneo, em geral, se volta.

Sob outra perspectiva, Badiou e Truong (2013, p.20) propõem que o pensemos não como um projeto, mas como um acontecimento, “uma experiência pelo prisma da diferença”. Diferença essa que aqui se opõe à identidade de um “eu” com traços despóticos, que impõem sua existência ao e sobre o outro, negando as individualidades. Para o amor, então, propõem um “eu” que vá além de si, suplantando o seu narcisismo. A psicanalista Ana Suy (KUSS; BARROS, 2022, p.117) diz que este é o amor “para o qual uma psicanálise aponta, é o amor que traz a assinatura da sustentação do desejo”, e não aquele com base narcísica que toma o outro como mero objeto.

Parece-me que este é também o afeto presente na filosofia das relações não monogâmicas. O exato oposto daquele amor romântico. A ativista indígena Guarani e psicóloga Geni Núñez (2021, 2023) apresenta a não monogamia a partir desta perspectiva e propõe outras formas de amar capazes de desnudar a estrutura colonial mononormativa. Cabe destacar: estrutura, uma vez que baseia e regula práticas sociais individuais e coletivas, como as relações afetivo-sexuais; colonial, pois, como mostra a historiadora Vânia Moreira (2018), o avanço da monogamia no país foi um projeto da metrópole visando a catequização dos povos originários, já que a prática não monogâmica está entre esses há séculos, bem antes dos colonizadores ocidentalizarem, até mesmo, nossas práticas relacionais; e mononormativa por fazer da exclusividade sexual e emocional entre duas pessoas a norma compulsória.

E se é fato que relações não monogâmicas admitem-se como uma contra norma a esta exclusividade obrigatória, está posto também que, diferentemente do que possa haver em senso comum, sua reivindicação principal não reside aí. Se assim o fosse, não teria tanto do que se diferenciar da monogamia, dado que estar em um relacionamento monogâmico não é sinônimo de cumprimento dos acordos de fidelidade. Em verdade, o que se pretende é abrir espaço para uma ética baseada nas possibilidades de amar que inspirem o direito à autonomia para todos os corpos e a descentralização de si, dos desejos, dos afetos e das hierarquias relacionais. É apostar naquilo que nos faz livres e, ao mesmo tempo, “deixar o outro livre, inclusive para não nos amar” (BABA, 2017, p.148). É também o que Geni Núñez chama de “artesanias emocionais”.

Então, o que diferencia a não monogamia da poligamia? A primeira configura-se exatamente com um “não” à monogamia. Questiona-a em seu *status* de norma que, por assim ser, abre espaço para a execução de micropoderes<sup>6</sup>. Já a poligamia, que prevê o casamento com mais de um cônjuge concomitantemente, opõe-se à monogamia, sobretudo, por esta última supor a união de apenas duas pessoas. Uma pesquisa da Pew Research, divulgada em 2020, aponta que esse sistema tem sido praticado em poucos países no mundo, limitando-se a cerca de 2% da população global (KRAMER, 2020). Por também se configurar como uma estrutura, igualmente produz impactos sociais como desigualdade de gênero.

Em termos psicanalíticos, poderíamos questionar acerca dos efeitos subjetivos da monogamia enquanto regra. Mais especificamente, poderíamos questionar os efeitos que tem sobre os sujeitos o apelo ao amor romântico, aquele defendido por Platão, que pressupõe uma díade complementar entre si (e apenas entre si) — comumente conhecida como “metade da laranja”, “tampa da panela”, “alma gêmea” ou até “feitos um para o outro”.

Em outra definição, Gonçalves (2021, p.73) diz que neste tipo de arranjo relacional, busca-se a pessoa que “deverá nos nutrir emocionalmente, atender as nossas expectativas em torno de uma relação ideal e nos ofertar tudo aquilo que precisamos para nos sentirmos seguros e completos”. Nisso sugiro que há algo que se pode configurar como um efeito subjetivo do amor romântico: esse desejo de completude, de base narcísica, que busca, incansavelmente, por um outro (aqui, a parceria amorosa) que vá

---

<sup>6</sup> Micropoder: conceito elaborado por Michel Foucault que trata de formas de controle em relações interpessoais cotidianas, que se dão sutilmente, para além do poder exercido por instituições tradicionais, como o Estado.

tamponar o vazio que é constitutivo de nossa existência. Noutras palavras, a angústia decorrente daquilo que falta.

Em torno dos conceitos psicanalíticos de objeto, de desejo e de gozo, a Lacan é atribuído o pressuposto de que a relação sexual não existe. O que, apesar do que possa parecer, não se refere ao sexo como ato, tampouco à sua inexistência. O que se pretende com esta afirmação é ratificar a impossibilidade de que, numa relação de um com outro, haja perfeição. Se, de um lado, cada pessoa possui seu desejo próprio, que nunca é puro e acessível, posto que é sempre atravessado pelo Outro<sup>7</sup>, e, de outro, a falta, motor desse desejo e parte fundamental de quem somos, nunca será preenchida, então este ideal de completude, portanto, nunca será alcançado.

É neste ponto, então, que surge a angústia do amor romântico: a busca por encontrar no outro algo que nunca será encontrado; um querer inteirar algo que nunca será completamente inteiro. E diante de tal constatação, insiro agora um novo questionamento: se a não monogamia pretende-se tal como aqui já foi descrita, seria ela, então, uma convocação a lidarmos com o vazio da falta sem cair nessa angústia que acabo de descrever? Ou ainda: se a não monogamia é uma prática baseada na liberdade relacional, será possível que nos liberte também da angústia gerada pelo desejo dessa completude narcísica?

Considero que seria arriscado tecer de pronto aqui qualquer resposta, ainda que teorias ou conceitos possam indicar mais para um “sim” ou para um “não”. Penso também que apenas “sim” ou “não” possa não ser o suficiente. Sendo assim, sinto-me

---

7 Outro: lê-se “Grande Outro” e trata-se de um conceito central na psicanálise lacaniana, que, simbolicamente, representa um saber absoluto, a lei e a ordem e que, invariavelmente, exerce seu poder sobre nós.

contemplada em tão somente instigar a reflexão.

Mas, e o amor? O que se torna quando a não monogamia se estabelece e ele não cabe mais como cortês ou romântico? Talvez se torne “livre”, o que a mim parece uma redundância, uma vez que, se não há liberdade, então é mecanismo de controle. Quem sabe se torne um “acontecimento”, como já sugerido, podendo, no entanto, implicar na ideia de um afeto que é sempre contingente, marcado em um tempo e em um espaço. Ou, de repente, se torne “plural”, o que acredito que mais se aproxima de ser uma resposta ótima, uma vez que diz de uma multiplicidade de formas, mas que, de algum modo, aproxima-se de algo que é finito, limitado. Então sugiro que talvez ele seja ainda alguma outra coisa.

Enquanto escrevia este ensaio, deparei-me com uma postagem de Geni Núñez (2024) em seu perfil no Instagram (@genipapos), onde a acompanho. O título é “Amor é sempre falta?” e faz uma nítida alusão à psicanálise. Mais precisamente, é uma referência à ideia lacaniana de que a relação sexual não existe. Sendo ainda mais específica, é uma crítica a essa ideia. Minimamente, uma discordância.

Ao dizer que a relação sexual não existe, pois nela sempre haverá o vazio, Lacan aponta também que o que nasce desse vazio é o amor. Sob essa ótica, ele seria, portanto, invariavelmente, atravessado pela falta. O que de modo algum quer dizer que seja um afeto difícil, um suplício, uma quimera. Ao contrário: diante da inexistência da relação sexual, apenas o amor é possível e apenas ele nos possibilita reconhecer a alteridade do outro. É através dele que conseguimos conviver com a invariabilidade da nossa falta e, ao mesmo tempo, admitir a falta que constitui o outro.

E, se como Lacan nos mostra, a falta é o que move o nosso desejo, por que, então, topamos a angústia gerada pela urgência de tamponá-la? Por que viver em busca da completude, se é o vazio que nos movimenta? E, além disso, por que imputar ao amor essa difícil (ou impossível, para Lacan) tarefa de nos preencher? Nesse ponto retorno a Geni Núñez em sua postagem. De modo preciso, ela diz: “O contrário do amor como falta não precisa ser o amor como preenchimento ou completude, é possível que o experimentemos para além disso. Amar aqui e agora, compreendendo que não somos nem seres em falta nem seres completos, pode abrir outras perspectivas.”

Acredito que talvez aí tenhamos um ponto-chave: ao invés de dar ao amor uma função, fazendo dele objeto de angústia, vivê-lo em sua essência, no presente do espaço e do tempo. Nas palavras de Lacan (1962–63/2005, p.198), “não podemos, de modo algum, servir-nos do amor como primeiro nem como último termo”. De outra forma, dar ao afeto significado próprio, de maneira a não o experienciar como fim ou como causa.

Por ora, conduzo-nos a arrematar esta reflexão e, para tal, retomo o tópico que havia proposto: quando a não monogamia se alicerça como filosofia de vida, o que o amor se torna? Se é redundante adjetivá-lo como livre, se é efêmero dizê-lo como contingente e se é insuficiente apontá-lo como plural, o que seria, então? Inspiro-me nas palavras da psicóloga Guarani ao final do seu texto na rede social e proponho: “Para além de perfeito ou imperfeito, / de completo ou incompleto / de falta ou preenchimento / de presença ou de ausência / e se amor for mesmo, movimento?” (NÚÑEZ, 2024).

Nada em nossa subjetividade é estático. Nem a falta, nem o vazio da falta, nem o desejo, nem seu objeto, nem a angústia

de ser desejante. Então por que o amor e as formas de amar o seriam? A todo tempo vivemos em transformação. Nossas formas de viver e de experienciar são fluidas. Vivemos o velho na mesma medida em que somos atravessadas(os) pelo novo. Tantos atravessamentos e tantas transformações, sem dúvidas, afetam o modo como experimentamos a falta em nós e como a enxergamos no outro. E se é daí que o amor advém, faz sentido, então, que, em meio a essa “combinação das coisas”, como nos lembra Ana Suy (2022, p.59), ele seja mesmo movimento.

## REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 22, n. 2, p.70–77, jun. 2002. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>

BABA, Sri Prem. **Amar e ser livre: as bases para uma nova sociedade**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. **Elogio ao amor**. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GONÇALVES, Ítalo Vinícius. **Matemática dos afetos, dissensos e sentidos sociais acerca das noções de “monogamia” e “não-monogamia”**. Teoria e Cultura, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p.61–75, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2021.v16.34430>

KRAMER, Stephanie. **Polygamy is rare around the world and mostly confined to a few regions**. Pew Research Center, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/yjy7hm5c> Acesso em: 23 ago. 2024.

KUSS, Ana Suy Sesarino; BARROS, Rita Maria Manso de. **O desejo como bússola para o amor**. *Psicanálise & Barroco em Revista*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p.105–121, 2022. DOI: <https://doi.org/10.9789/pb.v20i1.105-121>

LACAN, Jacques. (1962–1963/2005). **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Casamentos indígenas, casamentos mistos e política na América portuguesa: amizade, negociação, capitulação e assimilação social**. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 19, n. 39, p.29-52, set. 2018. <https://doi.org/10.1590/2237-101X01903902>

NÚÑEZ, Geni Daniela; OLIVEIRA, João Manuel de; LAGO, Mara Coelho de Souza. **Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa Indígena**. *Teoria e Cultura*, v. 16, n. 3, p.76–88, 2021. <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2021.v16.34439>

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

NÚÑEZ, Geni. **Amor é sempre falta?**. Instagram, 1 set. 2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_Y3Vsl-vrPn/](https://www.instagram.com/p/C_Y3Vsl-vrPn/). Acesso em: 1 set. 2024.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução: Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Tradução: Paulo Brandi, Ethel Brandi Cachapuz. São Paulo: Editora Guanabara, 1988.